

Biografias para quem não vive sem música

Algumas dicas quentes para quem sabe ler de ouvido

TEXT: FELIPE TADEU

A indústria fonográfica está comendo o pão que ela própria amassou, mas o mercado editorial no Brasil vai bem, obrigado. E quem é louco por biografias musicais não tem tido mesmo do que reclamar nos últimos tempos, pelo menos em termos de oferta, já que o preço dos livros permanece desafinado. Há de tudo para todos sob o ponto de vista temático, de Paulinho da Viola a Sepultura, de Novos Baianos a Cássia Eller, numa leva de títulos que conquista espaço cada vez maior nas prateleiras das boas livrarias. Desde a década de 90, o setor editorial vem incrementando os investimentos neste segmento que tem tudo para arrebanhar cada vez mais leitores, afinal, se o brasileiro é fissurado por música, nada mais coerente do que lançar livros que tratem do assunto, sejam eles songbooks, ensaios ou biografias.

Um dos livros mais interessantes que saíram nos últimos anos foi *A Vida Até Parece Uma Festa*, de Hérica Marmo e Luiz André Alzer, que conta a história dos Titãs, numa edição da Record. Os autores realizaram uma pesquisa bastante detalhada da carreira desarvorada (mas conseqüente) do octeto paulista, sem precisar se esvaír da questão das drogas, um eterno tabu nesta sociedade. Hérica e Luiz abriram os microfones para quase todo mundo que conviveu com a banda – hoje reduzida a cinco membros –, colhendo depoimentos generosos e supertransparentes dos roqueiros de São Paulo, praticando jornalismo de primeira, bem à altura dos melhores discos titânicos.

Jamari França também chegou lançando luz sobre outro grupo surgido nos anos 80, com o livro *Os Paralamas do Sucesso: Vamos Batê Lata*. A biografia, recém-chegada ao mercado, contabiliza os 22 anos do trio formado por Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone, num relato bem delineado pelo jornalista que acompanhou de perto a explosão do rock Brasil na década do reestabelecimento da democracia no nosso quintal. Aliás, o livro de Jamari França saiu pela excelente Coleção Todos os Cantos, da Editora 34. Uma série capitaneada por Tàrik de Souza, que já rendeu mais de uma dezena de títulos, sendo talvez *A Divina Comédia dos Mutantes*, de Carlos Calado, o mais imperdível deles. Calado repetiu o gol de placa feito com a história de Rita Lee e os irmãos Baptista em *Tropicália: A História de Uma Revolução Musical*, outra obra da série da 34. Inicialmente batizada de Coleção Ouvido Musical, a Todos os Cantos traz outros acepipes como o fundamental *Do Frevo ao Mangubeat*, de José Teles, que

envereda pelos anais da música pernambucana (Capiba, Alceu, Chico Science...), *A Era dos Festivais: Uma Parábola*, de Zuza Homem de Mello e Punk. *Anarquia Planetária e a Cena Brasileira*, assinada por Silvio Essinger. Marcelo Fróes, editor do IM, também lançou um título pela coleção, *o Jovem Guarda: Em Ritmo de Aventura*, que embarca no calhambeque do Roberto, com Erasmo, Vanderléa, Martinha & Co.

Um biógrafo que sempre impressiona pela dedicação e seriedade com que se atira aos seus objetos de estudo é o jornalista Sérgio Cabral, figura muito querida dos que amam a música brasileira desde os anos de chumbo, quando era um dos *enfant terribles* do Pasquim. Sérgio já traçou a vida de gente como Tom Jobim, Noel Rosa, Pixinguinha, Ary Barroso, Almirante e Elizeth Cardoso, tendo escrito também um livro interessantíssimo sobre o samba e o carnaval carioca: *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*, reeditado há sete anos pela Lumiar Editora, fundada por Almir Chediak. Perdoando os excessos nacionalistas que o nobre vascaíno costuma cometer, se recusando por exemplo a grafar Ary Barroso com y, ou um Vinicius de Moraes convertido em *Moraís*, o leitor de Sérgio Cabral vai ter sempre em mãos um senhor texto, fluido e riquíssimo em informações, como na ótima biografia de Tom Jobim, esmiuçada em nada menos que 545 páginas. Sérgio chegava ao cúmulo decente de esconder um gravador debaixo das mesas do Antonio's ou da Churrascaria Carreta, no Rio, quando ia beber com o maestro bossa-novista, só para não perder uma frase sequer dita por Tom.

Em termos de samba, outro livro muito curioso é *O Mistério do Samba*, escrito pelo antropólogo Hermano Vianna, obra lançada pela Jorge Zahar Editor e Editora UFRJ. Hermano, autor dos mais sagazes, maninho do paralamas Herbert, já tinha esquadrihado com brilhantismo a cultura musical periférica do Rio de Janeiro em *O Mundo Funk Carioca*. Em *O Mistério do Samba*, Hermano desvenda como o tal gênero musical, antes discriminado socialmente e reprimido pela polícia, acabou por ser aceito como "o" símbolo da identidade nacional brasileira.



A série *Perfis do Rio*, idealizada pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e pela Secretaria Municipal de Cultura, também proporcionou belas biografias sobre música brasileira que estão hoje nas melhores casas do ramo. Chico Buarque de Hollanda, por exemplo, foi retratado com muita fidelidade por Regina Zappa, num livro que foi sucesso de vendas. Além de Chico, a série já enfocou Nelson Cavakinho, Paulinho da Viola, Antonio Maria, Vinicius de Moraes e Wilson Batista, sempre com o atrativo de ter preços bem em conta.

E não para aí a lista de títulos significativos para quem quer conhecer melhor a história da música brasileira. A cantora e compositora Joyce, que chegou a trabalhar no *Jornal do Brasil*, mandou o belo *Fotografei Você na Minha Rolleyflex*, da MultiMais Editorial, Denise Pires Vaz escreveu a excelente biografia *Um Cara Meio Estranho*, sobre Ney Matogrosso, pela Rio Fundo Editora, e Nelson Motta, em seu tradicional estilo *zen-surfista* (parodiando o subtítulo de *Como Uma Onda*, parceria dele com Lulu Santos) emplacou o ótimo *Noites Tropicais*, da Objetiva, um livro que encabeçou por bastante tempo a lista dos best-sellers no Brasil.

Muitos outros livros sobre a vida dos músicos brasileiros estão no prelo, prestes a ir para as livrarias de norte a sul do Brasil. Biografias, ensaios e livros de partituras que são lançados no mercado de um país de parco poder aquisitivo e com alto índice de analfabetismo, onde a televisão impera como principal fonte de informação, seja ela política ou cultural. Mas onde existe um povo também que tem um ouvido musical que não é normal, e que pode até se salvar por aí, pelo menos no que diz respeito à preservação de sua identidade nestes tempos intolerantes de globalização. ■